

## Apresentação

*“O que para os pássaros é a muda, a época em que trocam de plumagem, a adversidade ou infortúnio, os tempos difíceis, são para nós, seres humanos. Uma pessoa pode ficar nesse tempo de muda; também pode sair dele como renovada.” (Vincent Van Gogh Cartas a Théo, carta 133)*

Vivemos, de fato, mergulhados em várias formas de organização temporal. Construimos uma estrutura relativamente estável, que podemos chamar de tempo histórico, ligado à memória consciente e a inserção nas normas e regras culturais, mas também somos afetados por outras experiências temporais, diversas, que não se reduzem ao tempo lógico, real, sequencial, tempos construídos a partir da subjetividade do indivíduo, que possuem uma estrutura não linear, não organizada, ligada ao inconsciente, a fragmentos de memórias e experiências sensoriais. Winnicott bem nos lembra que “as pessoas não têm apenas sua própria idade; elas têm, em certa medida, todas as idades, ou nenhuma idade.” (1960, p. 144).

Cada uma destas organizações temporais segue suas próprias leis, sem consideração pelo modo de continuidade da outra, mas, no entanto, interrelacionam-se num permanente jogo de desconstrução e reconstrução estrutural. De fato, nenhum destes sentidos de tempo deixa de existir, em algum momento. Vão sendo acrescidos e a tarefa da vida saudável é a de buscar integrá-los da forma mais criativa e harmônica que puder ser feita. Pedços de ações, intervalos de tempo, diferentes espaços e planos de ação tomam relevância, e buscamos conectá-los de forma que possam fazer um sentido pessoal, de modo

que possuam um significado que seja coerente com o modo de existir. Buscamos, enfim, tecer os múltiplos fios que constituem a experiência vivida numa trama pessoal a que chamamos de viver plenamente.

No entanto, há momentos onde tudo parece se imobilizar, congelado. Os tempos não mais se conectam e não é raro uma pessoa perceber-se paralisada, mergulhada em situações que se eternizam, indefinidamente, experimentando um senso de aprisionamento que desafia a cronologia do calendário e das horas, perpetuados os modos e formas de relação, à exaustão. Para superar a imobilidade mortífera será necessário um movimento radical de renovação para deflagrar o início de um novo processo e ser capaz de suportar as perdas e transformações necessárias para a retomada do viver de forma integrada e multidimensional.

A mola propulsora para a seleção dos filmes do Ciclo de Cinema CPRJ/SPCRJ 2019 foi a epígrafe acima, trecho de uma carta de Vincent Van Gogh a seu irmão, Theo.

Tempos de muda dizem respeito a momentos decisivos na vida de uma pessoa, momentos que se mostram divisores de águas, onde o conflito permanente entre repetição e renovação se agudiza e há uma transformação vital. O tempo de muda promove a mudança, uma mudança interna, de lugar, de perspectiva, de posicionamento. A eclosão de aspectos do eu, até então submersos ou encapsulados, direcionam o indivíduo a um reposicionamento na vida, em direção a um lugar mais coerente e conectado, em busca do encontro ou reencontro com seu Eu, naquilo que tem de mais verdadeiro.

Os filmes selecionados visam ilustrar diferentes tempos de muda vividos e as experiências decorrentes deste processo através da criação de possibilidades, de acontecimentos, de um devir. Um tempo que pode se mostrar aberto às mudanças, que permite e acolhe as transformações.

Desejamos que a leitura dos textos oferecidos pelos colegas comentadores de cada filme selecionado permita uma amostra da experiência profundamente enriquecedora vivida ao longo deste Ciclo.

**Neyza Prochet**  
pela Comissão Organizadora